

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação
Curso de Especialização Lato Senso em Docência na Educação Básica

Roberta Daniela Campos Mendes

**A LITERATURA COMO POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DA
AUTOIMAGEM POSITIVA DE CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Belo Horizonte

2019

Roberta Daniela Campos Mendes

**A LITERATURA COMO POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DA
AUTOIMAGEM POSITIVA DE CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação Lato Senso em Docência na Educação Básica da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção de Título de Especialista em Educação, Diversidade e Intersetorialidade.

Orientadora: Prof.^a Dra. Kátia Pedroso Silveira

Belo Horizonte

2019

M538 TCC	<p>Mendes, Roberta Daniela Campos, 1979- A Literatura como possibilidade de construção da autoimagem positiva de crianças da educação infantil [manuscrito] / Roberta Daniela Campos Mendes. - Belo Horizonte, 2019. 52 f.: il.</p> <p>Orientadora: Kátia Pedroso Silveira.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso – (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura africana (português). 3. Brincadeiras. 4. Histórias infantojuvenis. 5. Educação intercultural. 6. Relações étnicas. 7. Educação pré-escolar. 8. Educação – Finalidades e objetivos. 9. Educação de crianças. 10. Negros na literatura. 10. Identidade social.</p> <p>I. Silveira, Kátia Pedroso. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD : 372.21</p>
-------------	--

Catálogo na Fonte¹ : Biblioteca da FaE/UFMG
Bibliotecária¹: Carmen Lúcia de Carvalho Ramos CRB/6- 2566

(Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma e na diagramação gráfica da ficha catalográfica².)

*Ficha catalográfica elaborada com base nas informações fornecidas pela autora, sem a presença do trabalho físico completo. A veracidade e correção das informações é de inteira responsabilidade da autora, conforme Art. 299, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940 - "Omitir, em documento público ou particular, declaração que dele devia constar, ou nele inserir ou fazer inserir declaração falsa ou diversa da que devia ser escrita..."

† Conforme resolução do Conselho Federal de Biblioteconomia nº 184 de 29 de setembro de 2017, Art. 3º - "É obrigatório que conste o número de registro no CRB do bibliotecário abaixo das fichas catalográficas de publicações de quaisquer natureza e trabalhos acadêmicos".

‡ Conforme Art. 297, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940: "Falsificar, no todo ou em parte, documento público, ou alterar documento público verdadeiro..."

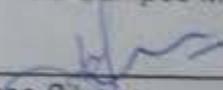


ATA DE DEFESA DO SEPTINGENTÉSIMO SEXAGÉSIMO SÉTIMO TRABALHO FINAL DO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E INTERSETORIALIDADE

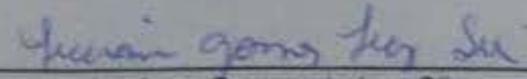
Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “A literatura como possibilidade de construção da autoimagem positiva em crianças da Educação infantil.”, do(a) aluno(a) **Roberta Daniela Campos Mendes**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Kátia Pedroso Silveira- (orientador) e Lisa Minelli Feital. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho aprovado, atribuindo-lhe a nota 100, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Luciana Gomes da Luz Silva, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) 
Roberta Daniela Campos Mendes

Registro na UFMG: 2018752426


Kátia Pedroso Silveira
Professor(a) Orientador(a)


Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)


Luciana Gomes da Luz Silva
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

*Dedico este trabalho a todos familiares,
amigos e em especial meus queridos
alunos, pois sem eles aqui não existiria
a professora que me tornei.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, sem Ele eu jamais teria chegado aonde cheguei. Em segundo lugar agradeço a todos que direta e indiretamente contribuíram para a concretização deste sonho.

A meu esposo Haroldo pelo apoio incondicional. Aos meus filhos, Isabella, Isadora e Pedro Henrique por incentivar e acreditar na minha capacidade. A todos familiares, quando minha presença não foi possível e quando minha atenção e preocupação parecia estar voltado única e exclusivamente para este trabalho. Não vou deixar de citar pessoas especiais como a diretora Denise, que acreditou em meu potencial, minhas colegas de trabalho, meus colegas de sala e meus queridos mestres, minha eterna gratidão. A meu neto Bernardo, que chegou em meio a tanta ausência, nesse turbilhão de coisas acontecendo ao mesmo tempo e que veio para alegrar e contagiar essa avó que hoje, com certeza é uma pessoa diferente. Bernardo, também é por você que luto por uma educação de qualidade, pois a nossa esperança é depositada principalmente nas crianças. A minha orientadora Prof^aDra Kátia Pedroso Silveira por todo carinho e paciência, meu sincero agradecimento.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo propiciar às crianças da educação infantil a valorização da cultura afro-brasileira, reconhecendo sua importância na construção de nossa identidade e potencializá-las a fim de construir sua autoestima positiva e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Por intermédio de livros literários, atividades voltadas para a construção da identidade e brincadeiras da cultura africana, foi possível construir conhecimentos, desenvolver habilidades e resgatar autoestima. Os contos mexem com o imaginário das pessoas e fazem com que deem um novo significado para as situações cotidianas. O brincar é algo natural e próprio das crianças que aprendem de forma lúdica a experimentar e solucionar problemas. Atividades pedagógicas contribuem para a construção de conhecimento. Sendo assim, juntando esses três elementos, tive a oportunidade de desenvolver e aprender com esse trabalho novas formas de viver e redescobrir o mundo.

Palavras-Chave: Desigualdades. Autoestima Positiva. Cultura Africana. Brincar. Literatura infantil afro-brasileira. Identidade.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Atividade no espelho.....	37
Figura 2 - Reconhecimento de tons de pele.....	39
Figura 3 - Confeção da figuração humana.	39
Figura 4 - Contação da história Pretinho, meu boneco querido.	42
Figura 5 - Brincadeira africana Mamba	47
Figura 6 - Brincadeira africana saltando o feijão	48

LISTA DE SIGLAS

UMEI – Unidade Municipal de Educação infantil

EMEI – Escola Municipal de Educação Infantil

LEPI – Leitura e Escrita na Educação Infantil

BNCC – Base Nacional Curricular Comum

DCNEIs– Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 SIM, SOMOS DIFERENTES!	16
3 CAPÍTULO 1: A LEITURA NA SALA DE AULA DA EDUCAÇÃO INFANTIL	19
4 CAPÍTULO 2: A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL	22
5 METODOLOGIA	23
5.1 Obras Infantis Seleccionadas	24
6 BRINCADEIRAS	27
6.1 Acompanhe meus pés	27
6.2 Pegue a cauda	27
6.3. Saltando o feijão	27
6.4 Mamba	28
7 DESENVOLVIMENTO	29
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51

1 INTRODUÇÃO

A Unidade Municipal da Educação Infantil – UMEI Professora Marta Nair Monteiro foi inaugurada no dia 10 de setembro de 2004 sob a administração da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, estando vinculada a Escola Municipal Ulysses Guimarães. No ano de 2018, a prefeitura de Belo Horizonte emancipou todas as UMEIs desvinculando-as das escolas pólos e cada UMEI passou a ser escola e ter sua autonomia, passando assim a ser EMEI - Escola Municipal de Educação Infantil. A EMEI está localizada na Vila Santa Rita de Cássia e inserida em um contexto de desigualdade e exclusão social.

O prédio destinado a seu atendimento pertencia à comunidade. Após ser cedido à prefeitura, foi necessária uma reforma para implantação da unidade de Educação Infantil. A existência da EMEI está relacionada a uma demanda da comunidade apresentada pela Associação Popular “Centro de Defesa Coletiva” que identificou a carência de espaços alternativos à criança na comunidade e a necessidade de acesso à educação garantidos em Lei.

A população assistida pela EMEI pertence ao aglomerado Santa Lúcia, localizado na região centro-sul de Belo Horizonte, formado por quatro vilas, sendo que a grande maioria das crianças assistidas pela escola reside na Vila Santa Rita. A Escola de Educação Infantil atende uma população social e economicamente carente. Atualmente as vilas do aglomerado Santa Lúcia estão quase totalmente urbanizadas, contam com escolas, creches, transporte coletivo, postos médicos e policiamento. A comunidade é atendida por vários programas sociais, tais como o "Fica Vivo", da Secretaria de Defesa Social e, também, o "BH Cidadania" que oferece oficinas culturais para os moradores.

A educação infantil está organizada em dois ciclos de formação, sendo o

- 1º ciclo - 0 a 2 anos
- 2º ciclo - 3 a 5 anos

Nessa concepção as crianças, organizadas em ciclos de faixa etária e por grupos de idade, são atendidas de acordo com as especificidades próprias o que contribui para o seu processo de desenvolvimento. A escola atualmente está

organizada para atendimento em horário integral de 7:30 às 17h00, para todas as turmas.

Dos alunos matriculados, 90% são negros. São crianças que necessitam da escola em tempo integral uma vez que seus familiares e provedores contam com o auxílio para poderem trabalhar para o sustento da família.

Já faz algum tempo que trabalho como professora, porém somente no ano de 2014 ingressei na rede Municipal de Educação. Tomei posse no dia 23 de janeiro de 2014 nesta mesma unidade de educação infantil na qual até hoje me encontro. Sou professora de educação infantil e tenho muito orgulho de fazer parte dessa comunidade. Desse modo, percebi a importância de trabalhar e valorizar a identidade negra, além de contribuir para valorização dessas crianças, sempre buscando combater ações de discriminação. Esses são os primeiros passos para uma sociedade racialmente justa.

Na escola, muitas vezes, as crianças têm seu primeiro contato com o preconceito e o racismo, principalmente as garotas. Os anos escolares para crianças que são negras, em muitos casos, implicam em um grande período de violência e angústias sofridas. Esses alunos são formados em um contexto histórico e práticas sociais eurocêntricas, o que favorece a diminuição de sua autoestima.

A ausência da discussão antirracista no planejamento escolar impede a promoção de boas relações entre aqueles que integram o cotidiano da escola. Tal ausência pode levar à ocorrência de oportunidades diferentes para os alunos brancos e para os alunos negros se sentirem aceitos, respeitados e positivamente participantes das atividades desenvolvidas na escola. Ou seja, um tratamento diferenciado direcionado aos alunos brancos, tais como: doação de carinho, agrados, estímulos, incentivos, atenção, entre outros, pautado no pertencimento racial. (Cavaleiro, 2006)

Os direitos das crianças negras podem ser violados, já no início da sua vida escolar, por exemplo, quando o professor, não tem uma abordagem antirracista e reafirma, mesmo que indiretamente, a noção de que o belo e bonito não contempla essa parcela da sociedade. Dessa forma, a escola vai se constituindo em um espaço segregacionista e racista.

É importante ressaltar que a valorização pessoal, desde a infância, é imprescindível para que possamos construir uma sociedade mais justa e igualitária. Além disso, esse processo pode contribuir para a formação de futuros jovens que se aceitam e que não se deixam oprimir e nem mesmo se sentem submissos por serem aquilo que são. Mais facilmente entendem que não tem nada de errado, nem de feio em serem o que são.

Para reverter o cenário atual de desigualdade de tratamento na educação e as injustiças às quais os alunos negros são submetidos nas escolas, se torna de extrema importância a transformação de velhas práticas em novas alternativas e possibilidades que concorram para a inclusão positiva desses alunos no sistema de ensino.

O Sistema Educacional Brasileiro tem sido ancorado por legislações que promovem o reconhecimento da criança negra no cotidiano escolar, o que contribui para mitigar seu distanciamento/isolamento do quadro educacional. Se o acesso ao conhecimento é um direito de todos, um espaço escolar estar despreparado para receber crianças negras é uma contradição, visto que, o Brasil é um país de expressiva população negra. Assim, esse movimento vem aumentando gradativamente com a inserção de novas leis que buscam garantir exatamente a permanência dessas crianças na escola.

Esse trabalho teve como principal finalidade, possibilitar aos alunos da Educação Infantil um autoconhecimento significativo, que diz respeito à construção gradativa da identidade, considerando que esse autoconhecimento, faz parte da ideia de distinção, de uma marca de diferença entre as pessoas. Referimo-nos à construção pessoal de cada indivíduo, sem discriminações ou preconceitos. A começar pelo nome, seguindo de todas as características físicas, de modos de agir, pensar e da história pessoal de cada um. Contudo, o trabalho corresponde à necessidade educativa voltada para a formação de valores e posturas que contribuam para que os cidadãos valorizem seu pertencimento étnico-racial. Como explícito nas Proposições Curriculares da Educação Infantil da Prefeitura de Belo Horizonte, Lei nº 10.639/03.

De acordo com a Nova Base Curricular Nacional Comum (BNCC), um dos Direitos de Aprendizagem na Educação Infantil é:

“Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário.”

Para isso precisamos ter bem claro e definido o que é identidade. Segundo o dicionário Aurélio (2009), Identidade - substantivo feminino é o conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa. Isto é, o que torna possível sua identificação ou reconhecimento.

Para Stuart Hall, (1987) “[...] a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. [...]”.

Nossa intenção é que as intervenções pedagógicas pensadas para o desenvolvimento deste trabalho, possam favorecer ao educador avançar e trabalhar as diversas áreas de conhecimento numa perspectiva interdisciplinar, buscando tornar o educando sujeito de sua própria aprendizagem.

Nesse contexto, este trabalho teve como objeto desenvolver intervenções pedagógicas que favoreçam a construção de uma autoimagem positiva em crianças da educação infantil, por meio de atividades e brincadeiras desenvolvidas a partir de obras da literatura infantil.

O brincar para a criança é algo natural, todas as crianças brincam em todas as culturas. Assim, o brinquedo torna-se uma forma de representação social e de comunicação.

O brincar é um dos eixos estruturadores das Proposições Curriculares da educação Infantil e ao longo dos anos as instituições de educação infantil incorporaram o brincar como uma de suas práticas mais importantes. O brincar é uma construção social, portanto, um modo de se construir socialmente.

“As instituições de Educação Infantil devem oferecer às crianças condições de identificarem as características com as quais melhor se relacionam sentindo-se suficientemente seguras para expor suas preferências, modos de ser e de agir. ” (Proposições Curriculares para a Educação Infantil. 2015, pág. 30)

E, é neste contexto que se constrói uma identidade. De forma lúdica e prazerosa, nosso desejo é de ressignificar a identidade racial, por intermédio de brinquedos, brincadeiras, jogos e uma literatura voltada à cultura africana, exaltando seu valor e suas especificidades. Contudo, a identidade racial se coloca como um desafio ético e político. Portanto, não é uma tarefa fácil. Diante desta realidade, faz-se necessário a construção gradativa de uma identidade positiva.

O Trabalho teve como objetivo principal propiciar às crianças na faixa etária de 3anos, a valorização da cultura afro-brasileira, reconhecendo sua importância na construção de nossa identidade, e o empoderamento de crianças negras a fim de construir sua autoestima positiva. A partir dessa ideia, pesquisei e selecionei livros de literatura étnico-racial que foram trabalhados com as crianças, propicie brincadeiras voltadas para a corporeidade e brincadeiras africanas que foram agregadas à nossa cultura. Estimulei as crianças no reconhecimento de si mesmas e à diversidade e respeito às diferenças e a ampliar o conhecimento sobre a influência africana na formação cultural brasileira.

2 SIM, SOMOS DIFERENTES!

Estamos inseridos num mundo de grandes desigualdades e não é nada fácil lidar com a diferença. Nada de acreditar que “todos somos iguais”. É imprescindível reconhecermos que existem as diferenças, e que, cada ser é único, cada qual com suas características, especificidades, maneira de ser e viver.

A intenção deste trabalho é favorecer a construção de uma identidade positiva e uma ressignificação da identidade racial da criança negra de forma positiva, pautada nos valores e saberes da cultura africana.

Sabemos o quanto se torna difícil construir a identidade negra na educação infantil, partindo do pressuposto de que estamos inseridos em uma sociedade ainda muito racista.

A história do Brasil foi marcada pela colonização, baseada em um regime de escravização que se fez presente por muitos anos no país e, ainda hoje, colhemos os frutos desastrosos deste período, o racismo.

Essa experiência escravocrata deixou grandes sequelas em nossa sociedade e contribuiu significativamente em tornar os negros, pessoas invisíveis diante de toda a sociedade, gerando um sentimento de inferioridade, de anulação, de negação da cor. Ainda hoje, tudo que se refere ao negro é visto como péssimo, negativo, feio, subdesenvolvido, macumbarias, marginalização, pobreza, o que impacta diretamente na construção dessa identidade. Ninguém quer ser negro!

“O pensamento racista que ocupa e contrapõe a superioridade do branco à inferioridade do negro é a lógica que preside este discurso e procura justificar que os brancos ocupam melhores empregos, as universidades e o poder político por serem superiores como raça.”
(CARDOSO,2002, 240p Mazza)

Diante de tudo que nos foi imposto durante décadas, a imagem do negro, é uma imagem negativa, de que é algo ruim.

Tendo em vista, como essa identidade do negro foi construída em nosso país, e de como o racismo afeta diretamente a primeira infância, faz-se necessário a

busca por novas possibilidades de autovalorização de nossos estudantes negros, valorização desta cultura e desta etnia.

As relações étnico-raciais se dão em nossas vidas, a partir do momento em que nascemos. Desconsideramos que nossa identidade se constrói dia a dia, desde as primeiras relações interpessoais que vivemos ainda no útero materno. Se uma mãe negra não tem uma imagem positiva de sua identidade racial, ela pode contribuir para que esse tipo de sentimento negativo ou de desvalorização da etnia também desponte na criança que está sendo gerada e assim vamos perpetuando esse tipo de sentimento de negação e essa imagem desvalorizada do que é ser negro no Brasil.

Faz-se necessário produzir um novo ciclo, de forma lúdica e por intermédio da educação. Precisamos compreender que o racismo gera efeitos e necessita ser combatido desde a mais tenra idade.

O papel da educação infantil é significativo para o desenvolvimento humano, para a formação da personalidade e aprendizagem, nos primeiros anos de vida. Os espaços coletivos educacionais que a criança pequena frequenta são privilegiados para promover a eliminação de toda e qualquer forma de preconceito, discriminação e racismo. As crianças deverão ser estimuladas desde muito pequenas a se envolverem em atividades que conheçam, reconheçam e valorizem a importância dos diferentes grupos étnico-raciais na construção da história e da cultura brasileiras (BRASIL, 2013, p. 48).

Estamos inseridos num contexto de educação completamente eurocêntrica. Considerando que a construção de identidade das crianças, como já dissemos, se inicia desde os primeiros anos de vida e que ela pode ser comprometida devido a instrumentos e ações pedagógicas que possam estar sendo assumidas cotidianamente por alguns educadores. Consideramos primordial que essa questão seja tema de nossas reflexões e base de nossas ações educativas.

Em se tratando de professores (as) que se ocupam da educação voltada a essa faixa etária, as posturas discriminatórias se evidenciam pela ausência de reconhecimento das diferenças de origem, pelos maus-tratos e principalmente pelo silêncio diante de situações de discriminação vivenciadas pelas crianças negras no espaço escolar. (BRASIL/MEC. História da Cultura Africana e Afro-brasileira na educação infantil. Pág. 8).

Salientamos que a desigualdade evidencia uma estrutura cultural e social que

acaba por mascarar uma discriminação mais profunda: a desvalorização, desumanização e desqualificação ou o não-reconhecimento simbólico das tradições, saberes e fazeres dos povos afrodescendentes.

3 CAPÍTULO 1: A LEITURA NA SALA DE AULA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Quando falamos em leitura dentro de sala de aula sempre pensamos nos alunos maiores, alunos que estão na fase de alfabetização ou que já foram alfabetizados, mas engana-se quem acha que na educação infantil não tem leitura dentro de sala de aula. Nossos pequenos, desde cedo precisam ter acesso a esse poderoso instrumento, como atividade social e individual no processo de alfabetização.

Durante muito tempo na história da educação, o ato de contar histórias foi visto simplesmente como instrumento para “prender” a concentração das crianças, algo para passar o tempo ou preencher uma hora vaga. Estudos comprovam que, na realidade, o contar histórias vai muito além. O ato de contar histórias é uma importante ferramenta pedagógica e favorece uma construção emocional satisfatória para as crianças. É um exercício que as ensina a se posicionarem no mundo e frente as diversas realidades, como estratégia para o seu desenvolvimento global principalmente na linguagem oral e escrita. A formação de um leitor em potencial passa pela atividade inicial de escutar e contar histórias e, a partir disso, dar novos significados e elaborar novas hipóteses, inclusive sobre a forma de se ver e se posicionar no mundo. É por intermédio da leitura de histórias que o sujeito se cria, reelabora suas escolhas e preferências.

A contação de histórias é um dos mais poderosos instrumentos pedagógicos que favorece significativamente a nossa prática docente. Por intermédio da escuta das histórias, as crianças têm a possibilidade de desenvolver a imaginação, criar novas estratégias para a vida, educar e desenvolver habilidades cognitivas, potencializar o processo de leitura e escrita e ampliar o seu vocabulário.

Quem convive com crianças sabe o quanto elas gostam de escutar a mesma história várias vezes, pelo prazer de reconhecê-la, de aprendê-la em seus detalhes, de cobrar a mesma seqüência e de antecipar as emoções que teve da primeira vez. Isso evidencia que a criança que escuta muitas histórias pode construir um saber sobre a linguagem escrita (RCNEI, VOL. 3, p.143)

Na interação das crianças com as histórias elas têm a oportunidade de despertar emoções como se as vivenciasse. Isso faz com que tenham mais condições

de exercitarem a capacidade de resolução de problemas que enfrentam no seu dia a dia.

Sabemos que o texto literário narrativo oferece ao leitor a possibilidade de “experimentar uma vivência simbólica” por meio da imaginação suscitada pelo texto escrito e/ou pelas imagens. A literatura (e, portanto, a literatura para a juventude) é portadora de um sistema de referências que permite a cada leitor organizar sua função psíquica com o vivido e a sensibilidade que lhe é própria (FARIA, 2010, p.19).

Quando fui escolher os livros a serem trabalhados, tive uma grande dificuldade em encontrar obras que abordassem as relações étnico-raciais. Mas, queria livros que contivessem em suas páginas, não somente histórias que abordassem o tema, mas também que expressassem a representatividade do negro de forma explícita em suas páginas. Livros que não, simplesmente, reproduzissem histórias carregadas de preconceitos e racismo, mas que em suas histórias as crianças pudessem se identificar e se sentirem inseridas.

A maioria dos livros literários infantis são e estão carregados de contextos e histórias que não representam o povo brasileiro. Podemos pegar como exemplo vários contos clássicos que sempre têm princesas de pele branca, olhos azuis, cabelos claros e lisos, roupas finas e maravilhosas, castelos de encher os olhos de qualquer pessoa; o príncipe também não foge desse estereótipo, sendo que, essa figura sempre vem acompanhada de uma masculinidade e virilidade perfeitas. Contudo, a dificuldade de escolher e trabalhar com livros que contivessem uma representatividade efetiva de nossas crianças, foi significativa.

Pensar o imaginário como um vasto campo de possibilidades, que proporciona, entre tantas coisas, a compreensão e aceitação de diferentes níveis de percepção da realidade, abrindo-se para um sistema participativo, plural, sensível e passível de outras lógicas (BUSATTO, 2007, p.58).

A criança desde sua mais tenra idade tem a capacidade de se idealizar nas histórias. Isso vem nos confirmar todos os estudos em relação à leitura dentro de sala de aula na educação infantil. Os pequenos se inserem de tal maneira em uma história contada que eles viajam para longe naquele mundo fantasioso, seu imaginário faz criar e elaborar situações, resolver conflitos e na maioria das vezes a criança elabora dentro de si o desejo de ser e representar aquilo

que lhe foi apresentado. Veja o que diz o caderno 5 da coleção Leitura e Escrita na Educação Infantil – LEPI (2016 p.98):

As crianças se familiarizam com muitos desses elementos através das histórias. Isso lhes permite compartilhar um grande número de referenciais com a coletividade, entender alusões culturais de seu ambiente e experimentar o inquestionável prazer do reconhecimento desses elementos ao longo da leitura de novas obras.

Daí a importância de terem acesso a livros que tenham uma representatividade do negro presente, não uma representatividade estereotipada, a qual estamos acostumados a lidar em livros que sempre nos foram apresentados. Uma representatividade que valorize a cultura desse povo, valorize sua história, seus costumes, suas práticas e tudo que lhe é dado por direito.

4 CAPÍTULO 2: A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Brincar é uma linguagem própria da criança, diria que, é a forma mais completa que as crianças têm de se expressarem, é um modo de existir. A criança descobre o mundo, tocando, vivenciando e experimentando as coisas.

As crianças aprendem brincando. Por isso, a escolha deste poderoso instrumento para desenvolver o meu plano de ação. Não é por acaso que o brincar e as interações são eixos norteadores de vários documentos como Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs) e Proposições Curriculares para a Educação Infantil que orientam o currículo das escolas de educação infantil e devem ser utilizados como norte.

As Diretrizes Curriculares nacionais para a Educação Infantil definem “criança” como um

sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, p.97)

Tal perspectiva leva em consideração a criança como protagonista, sujeito competente, capaz de assimilar e aprender sobre tudo que está a sua volta. Influencia e é influenciado pelo meio em que vive e acima de tudo, tem o direito de aprender e de se desenvolver de forma satisfatória e integral.

Priorizar a brincadeira é de fundamental importância, pois é a linguagem da infância por excelência. É de forma lúdica que a criança tem a possibilidade de dar significados e ressignificar o que aprende nas observações que faz e nas interações com outras crianças, adultos e com o ambiente em que vive. Esse discurso do brincar no campo da educação torna-se quase que inquestionável.

Foi pensando nisso e acreditando que o brincar é a melhor comunicação com o mundo infantil que fiz as escolhas das brincadeiras africanas. Assim, poderia me relacionar e transitar com as crianças por esse tema, contribuindo para a construção de uma autoimagem positiva de si e de outros em relação às etnias

e culturas do nosso povo.

No primeiro momento, cada brincadeira deveria ser realizada a cada semana, logo após uma história contada. Porém, no decorrer do trabalho pude perceber que a brincadeira está para além do simples ato do brincar. As crianças demandam tempo para assimilar as regras e muitas vezes criam suas próprias regras. Assim, levei um tempo maior para que as crianças internalizassem todas as regras e conhecessem a história que tinha por trás daquela brincadeira. O brincar é uma construção social e isso se dá com tempo e disponibilidade.

A curiosidade, a vontade de explorar, de conhecer, de criar estão presentes no homem como elementos intrínsecos à natureza. Dentre outras experiências, a brincadeira se configura como uma das estratégias que a espécie humana realiza para conseguir se apropriar de saberes sociais e culturais que são próprios ao seu modo de vida, ao seu desenvolvimento e plena inserção e atuação no mundo. (SMED: Belo Horizonte, 2015, p.68-69)

Podemos dizer que o brincar é, portanto, uma construção de conhecimentos sociais e, para além disso, contribui para o construir como pessoa. Brincar é fundamental! É uma possibilidade de pensar e realizar ao mesmo tempo. Uma criança não brinca, ela se constrói como pessoa. Nós como educadores temos o dever de garantir esse direito fundamental da criança. Permitir que as crianças brinquem, que se construam, e permitir que elas nos ensinem como é fazer educação por intermédio do brincar. A cada brincadeira proposta, pude aprender que nem tudo precisa ser da maneira que planejamos, que a vida é assim, na maioria das vezes as coisas não saem da maneira que idealizamos. Assim, vai se construindo, se experimentando, vivenciando o que é ser gente. O brincar tem que ser o instrumento propulsor da apropriação do conhecimento por excelência.

5 METODOLOGIA

Este trabalho se constituiu em uma pesquisa qualitativa e etnográfica, cujo desenvolvimento ocorreu junto a uma turma de crianças de 3 anos. A turma é composta por 17 crianças, sendo 8 (oito) meninas e 9 (nove) meninos. Minha intenção foi desenvolver um conjunto de atividades que pudessem favorecer o conhecimento e auxiliar no processo de construção de uma autoimagem positiva nas crianças.

Nesse contexto foram desenvolvidos três tipos de atividades: leituras das histórias escolhidas, rodas de conversa a partir de cada história contada e brincadeiras africanas.

Histórias literárias – cada história foi escolhida para trabalhar e potencializar a autoestima das crianças envolvidas e auxiliar na construção da identidade, visto que o ato de contar história é um instrumento de grande relevância, sempre que as crianças estejam submersas em um mundo de fantasias.

Rodas de conversa – essa atividade foi realizada com a intenção de ampliar o conhecimento e abrir novas discussões sobre o assunto tratado em cada história contada.

Brincadeiras de origem africana - apresentadas às crianças como forma de enriquecer e conhecer um pouco mais sobre nossa cultura e tudo que nela foi acrescido pela cultura africana.

Atividades pedagógicas contribuem para a potencialização do trabalho desenvolvido que, de uma forma concreta, auxiliam no desenvolvimento da construção de uma autoimagem positiva. Aguçar o olhar de nossas crianças, fez total diferença. Reconhecer o belo e valorizá-lo foi de fundamental importância nesse processo de construção de identidade. Se reconhecer como ser único e com suas características pessoais individuais, os tornam capazes de valorizar as especificidades de cada um. Nessa perspectiva, desenvolvi também atividades que envolviam o desenho da figuração humana, com reconhecimento de sua cor e suas características pessoais e atividades que valorizavam e potenciali-

zavam as características individuais frente a um espelho. O espelho auxiliou as crianças a perceberem que são únicas, iniciando assim o processo de construção de identidade. Como afirma Henri Wallon(apud Galvão,1995 e p.34-35),

a distinção entre o eu e o outro só se adquire progressivamente, num processo que se faz nas e pelas interações sociais(...) É pela interação com os objetos e com seu próprio corpo que a criança estabelece relações entre seus movimentos e suas sensações, experimenta, sistematicamente, a diferença de sensibilidade entre o que pertence ao seu próprio corpo. Por essas experiências torna-se capaz de reconhecer, no plano das sensações, os limites de seu corpo, isto é, constrói-se o recorte corporal.(apud Galvão,1995 e p.34-35)

5.1 Obras Infantis Seleccionadas

Tudo bem ser diferente - Este livro trabalha com as diferenças de cada um, de maneira divertida, simples e completa, alcançado o universo infantil e abordando assuntos que deixam os adultos de cabelos em pé, como adoção, separação de pais, deficiências físicas, preconceitos raciais, entre outros.

Afra e os três lobos guarás - O livro conta a história de uma menina que ganha alguns presentes de seus pais e faz um passeio para experimentar os novos presentes. Afra foi dar uma volta sozinha e entrou em uma casa desconhecida, atraída pelo cheiro de comida. Ao acordar e se assustar com uma família de lobos-guarás, ela aprendeu que a curiosidade não pode se sobrepor ao respeito e à educação.

Rapunzel e Quibungo - O livro traz a história de uma Rapunzel nascida na Bahia – linda menina negra que veio ao mundo com longos cabelos que não paravam de crescer. Excelente cantora, Rapunzel despertou a cobiça do monstro Quibungo e precisará da ajuda do seu príncipe brasileiro para encontrar um final feliz.

Joãozinho e Maria - O livro relata a história de Joãozinho e Maria, crianças da Serra da Mantiqueira que viviam em um barraco pobre. Após partirem em direção ao Pico das Agulhas Negras para pegarem jabuticabas, os irmãos se per-

dem na volta e encontram uma casa de doces e chocolates. Eles não imaginavam que muitas aventuras ainda os aguardavam.

Cinderela e Chico Rei - Abioye é filha de reis africanos e vivia escravizada por uma família em Vila Rica. Após ficar sabendo do baile que aconteceria no palácio de Chico Rei, ex-escravo que se transformou em um dos homens mais ricos do lugar, ela conhece uma fada que traz muitas mudanças inesperadas.

O casamento da princesa- O casamento da princesa é uma história repleta de simbologia e significados. Abena é uma princesa africana disputada por seus pretendentes: o Fogo e a Chuva. Ambos terão que passar por uma prova de resistência para conseguir a mão da filha do Rei.

A cor de Coraline - Coraline ouviu de Pedrinho uma pergunta que considerou difícil de ser respondida: me empresta o lápis cor de pele? Aí começou a aventura da menina que fica indagando qual seria a cor da pele. Ela olhou todas as cores de sua caixa de lápis. Pequena, tinha apenas doze. Coraline repassou todas as cores e descobriu maravilhada que cada cor de pele é bonita, cada cor tem uma razão, cada cor significa uma pessoa, um jeito de ser.

O menino Nito que foi substituído por Pretinho, meu boneco querido - Tudo começa no aniversário de 8 anos de Nininha, que ganha de presente um boneco negro como ela. Logo que chega, Pretinho tem de lidar com o ciúme e com o preconceito dos demais bonecos, que não o aceitam pelo fato de ele ser negro. Com novo projeto gráfico e novas ilustrações, essa comovente história discute o preconceito racial e nos faz refletir sobre como são infundadas todas as formas de discriminação.

6 BRINCADEIRAS

6.1 Acompanhe meus pés

Com origem no Zaire, a brincadeira é uma ótima opção para trabalhar a memória das crianças. Para brincar elas devem formar um círculo enquanto o líder canta e bate palma.

Em um determinado momento, ele para na frente de uma criança e faz um tipo de dança. Se ela conseguir imitar os passos será o próximo líder. Se não, este escolherá outra pessoa e novamente fará a dança, até que o novo líder seja definido.

A brincadeira dura o tempo estipulado pelo professor, ou até que as crianças se mostrem cansadas.

6.2 Pegue a cauda

Essa é uma brincadeira que tem origem nigeriana e é muito simples. A turma é dividida em duas equipes, que formarão filas, com os coleguinhas se segurando pelos ombros ou cintura.

A última pessoa da fila vai colocar um lenço em seu bolso ou cinto, e o objetivo é que a primeira conduza os demais para tentar agarrar o lenço. Vence a equipe que conseguir agarrá-lo primeiro.

6.3. Saltando o feijão

De origem nigeriana, o único material necessário para desenvolver a brincadeira é uma corda. Um dos participantes será escolhido para ser o “balançador”, que será o responsável por girar uma corda no chão.

Os demais formarão um círculo ao seu redor e quando o balançador gira a corda no chão os colegas devem saltá-la sem que sejam atingidos. Se isso acontecer, o participante estará fora da competição. Aquele que ficar por último será

o vencedor.

6.4 Mamba

A brincadeira é tradicional da África do Sul. Para brincar de mamba é necessário delimitar um certo espaço no chão em forma de círculo e todos que estiverem brincando devem ficar dentro do espaço. Somente um dos participantes ficará de fora. A mamba (ou cobra), ficará correndo ao redor do espaço demarcado com o intuito de pegar quem estiver dentro deste círculo. Quando um deles for pego, ele deve segurar nos ombros ou cintura da mamba e assim por diante, formando a cobra. Somente o que está em primeiro lugar da fila que se formou com as crianças que foram pegadas poderá pegar os demais colegas, entretanto, os membros da fila poderão ajudá-lo, uma vez que eles não podem passar pelo corpo da cobra. Vence a brincadeira o último que for pego.

7 DESENVOLVIMENTO

Planejei fazer algo com as crianças que fosse prazeroso e lúdico para que, no decorrer da minha prática pedagógica, elas se sentissem à vontade para brincarem e fantasiarem em cada história contada.

A escolhas dos livros literários partiu de um desejo que as crianças se vissem representadas nas histórias e personagens apresentados. Histórias que poucos se fizeram presentes dentro das salas de aulas no decorrer de toda história da educação. Já estava cansada de trabalhar as relações étnico-raciais com as histórias que todos buscam, e na maioria das vezes, histórias carregadas de mensagens bem subjetivas e subliminares da exclusão e da subalternização. Histórias como *A bonequinha Preta*, *Menina bonita do Laço de fita*, *O cabelo de Lelé*, etc, que trabalham o tema, mas sob uma ótica eurocêntrica e racista.

Comecei a buscar por livros diferenciados e me deparei com uma grande dificuldade na literatura infanto juvenil em abordar esse tema sem trazer na sua essência a exclusão e o racismo enraizado na nossa cultura. A busca por livros pertinentes ao assunto começou na biblioteca disponibilizada para nós, professores, na própria escola. Também busquei com amigas professoras indicações de livros infantis que favorecessem o meu trabalho em sala de aula.

Na maioria das vezes que falava sobre o objeto do meu trabalho, as pessoas me questionavam o porquê da escolha deste tema. Na verdade, penso que o questionamento real era: como uma mulher branca poderia trabalhar com um tema desse? Confesso que muitas vezes me senti inquieta, acreditando numa falta de legitimidade para tratar do assunto, pois na minha posição e condição, nunca teria realmente um lugar de fala nessa história. Sempre que tentava justificar a minha escolha, sentia necessidade de dar maiores explicações sobre o motivo que me levou por esse caminho. Trazia à minha fala, os meus irmãos que são negros, o quanto sofreram na infância com preconceitos, mas nunca era por mim. Isso me incomodou profundamente. Aí pensei, também sofri muito na minha infância, uma criança pobre que tinha poucos recursos, com todas as dificuldades de uma pobreza do interior, só que isso também não me ajudou muito. Com o desenvolvimento do curso LASEB fui me inteirando mais do as-

sunto e isso me ajudou muito a entender que não tenho que ter sofrido profundamente para poder discursar sobre esse tema, preciso sim ter esclarecimento, discernimento e empatia pela causa. Isso já é o suficiente para me levar a lutar diariamente por uma sociedade mais justa e igualitária.

Às vezes me pegava pensando sobre como iria trabalhar com crianças tão pequenas um assunto tão denso como esse? Será que vão entender? Criar uma autoimagem positiva sobre si? Como isso é possível com crianças que talvez nem tenham noção do que é preconceito e diferença? Se eu mesma, adulta já não me sentia com a total capacidade e muito menos legitimidade para falar do assunto, como se daria meu trabalho? Doce engano o meu de que as crianças são “bobas”. Nenhuma criança é boba e muito menos ingênua. Foi com esse trabalho que pude perceber o quanto a vida é dura e a sociedade cruel.

Parti para a escolha dos livros, e como já relatei fui buscar indicações. A única certeza que tinha eram os instrumentos que iria utilizar: Livros e brincadeiras, mas como? Quais livros? Quais brincadeiras? Comecei então uma pesquisa incessante de literatura apropriada ao tema e para a idade que resolvi trabalhar. A diretora da EMEI em que trabalho, apresentou-me uma gama de livros que trata das relações étnico-raciais e tive a grata felicidade de a prefeitura ter disponibilizado uma coleção nova que abordava o tema de uma forma diferenciada. A coleção é uma adaptação dos contos clássicos que encantam a maioria das nossas crianças, porém vinha com a representatividade do negro. Assim, escolhi trabalhar com os seguintes livros: *Afra e os Três lobos Guarás*, *Rapunzel e Quimbundo*, *Joãozinho e Maria*, *Cinderela e Chico Rei*, *O casamento da princesa*. Como a magia dos clássicos não tem fronteiras, me aventurei a utilizar dessa ferramenta tão próxima de nossas crianças. Nos seus sonhos, os personagens têm suas feições e habitam o cotidiano. Recordo-me da minha infância quando o conto clássico que mais amava e mais me representava era *A Bela e a Fera* e sempre me vi inserida neste clássico, mas não no lugar da princesa, mas sim no lugar da fera. Isso mostra o quanto os contos clássicos nos marcam profundamente. Acrescentei outros dois livros para dar continuidade ao meu plano de ação, sendo eles *A cor de Caroline* e *O menino Nito*. Assim finalizei minhas escolhas literárias.

Como o universo infantil é cheio de magia, também decidi escolher algumas brincadeiras africanas para dar ainda mais sentido ao meu trabalho. Entendo que o brincar para a criança tem papel fundamental. E é de tal importância que o documento da prefeitura de Belo Horizonte, o traz como um dos eixos estruturadores da Educação infantil. Tudo isso me fez pensar em aliar esses dois dos melhores instrumentos para a infância: o brincar e a magia dos contos. Entre as brincadeiras africanas foram escolhidas cinco: Acompanhe meus pés, Saltando o feijão, Mamba e Pegue a cauda. Assim, pude apresentar às crianças um pouco da nossa cultura e do nosso povo e abordar a questão africana tão presente em nosso cotidiano da forma mais lúdica possível. Com as escolhas realizadas, planejei todo o meu trabalho e parti para a ação.

Iniciei as atividades fazendo uma pequena reunião com os responsáveis das crianças que acompanho na EMEI para esclarecer e solicitar autorização para realizar o plano. Todos foram muito solícitos e aceitaram que eu desenvolvesse o trabalho junto às crianças e realizasse a pesquisa de campo.

Logo parti para a execução do trabalho dentro de sala de aula e em roda de conversa com as crianças me deparei com a minha primeira dificuldade. Precisei introduzi-las no clima do tema para coletar previamente o que elas sabiam sobre o assunto abordado. Criando um clima favorável para que pudesse introduzir o assunto da forma mais natural possível. Com isso acrescentei um livro que já era do cotidiano e que elas tinham livre acesso na biblioteca de classe. Adotei o livro “Tudo bem ser diferente” para dar o pontapé inicial em meu plano com uma roda de conversa sobre as diferenças e avaliar até que ponto aquelas crianças tinham real noção do que é diferença, qual a bagagem que traziam com elas, quais apelos, quais sofrimentos e alegrias que carregavam dentro de si.

Convidei-as a fazer uma rodinha como de costume, coisa própria de nossa rotina e iniciei falando que contaria uma história. Então, li a história *Tudo bem ser diferente* para as crianças, utilizando e explorando o livro com suas imagens ricas em demonstrar as diferenças existentes. A história defende que tudo bem ser gordinho ou magrinho, ser azul ou amarelo, se usa óculos ou não, se tem

cabelos grande ou curtos, se é alto ou baixinho e assim vai nos dando várias opções de diferenças para mostrar que cada um tem o seu jeito, que cada um tem suas especificidades. Somos únicos. Assim, contei e abri uma discussão sobre o tema diferença e, para minha surpresa, quando fiz o questionamento “o que é diferença?”, obtive várias respostas. Teve criança que disse que todos somos diferentes, outra respondeu que tem pessoas negras e pessoas brancas, outra falou que ele era azul e alguns ficaram quietos sem se quer esboçar nenhuma reação. Continuei o questionamento para dar a oportunidade para que todos tivessem voz, indaguei mais uma vez mudando um pouco a pergunta: Mas o que é ser diferente? Uma aluna muito perspicaz, de apenas três anos, me deu a resposta mais óbvia e mais profunda que já recebi: O QUE NÃO É IGUAL! Sinceramente eu jamais esperava esta resposta. Depois de ter contado uma história onde falava que tudo bem ser gordinha, que tudo bem usar óculos, que tudo bem ser alto, que tudo bem ser bravo, que falava das características especificamente, pensei que fossem abordar as características, neste dia a aula foi para mim, que subestimei minhas crianças.

Com o desenrolar da conversa meus alunos foram aprofundando o assunto e fui gostando das reflexões que foram fazendo. Na simplicidade e ingenuidade das crianças pude perceber o quão são profundas, sinceras e muitas vezes duras. Sim, duras! Estamos imersos em uma sociedade em que o preconceito ainda tem voz, uma voz muito alta. Uma voz que ninguém escuta, na maioria das vezes muito silenciosa, mas que deixa a sua marca profunda.

Aconteceu um fato muito marcante logo na primeira semana de desenvolvimento do plano de ação. Em um determinado dia, ao chegar para trabalhar, a diretora pediu para conversar um minuto comigo. Ela logo me relatou que uma das funcionárias da cozinha havia trazido seu neto para a escola naquele dia, pois não tinha ninguém que pudesse ficar com a criança, uma vez que a creche que ela frequentava estava em paralisação e a mãe tinha ido visitar o pai na cadeia. Ela, a funcionária, que também era avó da criança, para não faltar ao serviço levou-a consigo para o trabalho. O pedido da diretora foi que a criança, Léo pudesse ficar na minha sala de aula. Não hesitei, lógico que o melhor lugar para uma criança ficar é com seus pares de idade, jamais aceitaria uma criança passar o dia em um ambiente escolar, dentro de uma cantina. Assim começou

o meu plano de ação para valer, aquele seria o momento que desencadearia todo o meu trabalho e minhas perspectivas. Uma criança que veio do ambiente externo, que passou comigo pouco mais que trinta minutos, isso mesmo, trinta minutos! E vocês entenderão o porquê.

Começo aqui o meu relato:

Fui como de costume para minha sala e Léo foi-me entregue minutos antes de abrir o portão da escola para a entrada dos alunos. Quando os alunos foram chegando, pouco a pouco, Léo já se encontrava dentro de sala em minha companhia. Foi quando chegou o Rafael e me fez a grande pergunta: Professora, o que esse menino preto está fazendo aqui?

Confesso que nunca imaginaria que crianças de três anos pudessem apresentar preconceitos tão enraizados, tão bem construídos e sedimentados dentro delas. Fiquei estarrecida com a forma que fui questionada e a maneira pela qual o Rafael se referiu àquela criança que caiu de paraquedas em minha sala e que já se sentia um peixe fora d'água simplesmente por estar ali. Tudo era desconhecido e desconfortável. Logo tive que conversar com Rafael e explicarlhe que a gente não trata as pessoas pelas características e que aquele “menino” tinha um nome e se chamava Léo. Fiz questão de apresentá-los e conduzi-los para as mesinhas que já estavam preparadas para recebê-los. Era um dia em que, a minha rotina previa, a leitura de livros literários naquele primeiro momento. Todos os livros estavam expostos nas mesinhas.

Assim que todos chegaram me senti na obrigação de dar uma explicação para as crianças sobre a presença de Léo conosco naquele dia. Apresentei-o novamente, agora para todos do grupo e expliquei que Léo era neto da funcionária que preparava todos os alimentos gostosos que comíamos na escola. E que ele passaria o dia conosco pois a creche que ele estudava naquele dia não estaria funcionando. Aos poucos, cada criança ocupou o seu lugar e fizeram a livre escolha dos livros. Rafael que já não tinha gostado da presença do Léo em sala desde a hora que chegou, não deixou a criança em paz! O tempo todo Rafael importunava a criança recém-chegada e não a deixava pegar um livro, o chutava o tempo todo por baixo da mesa, não deixava Léo fazer, literalmente,

nada. Nem minhas intervenções como conversas, troca de mesa surtiram o efeito que eu esperava e em menos de trinta minutos o Léo estava aos prantos clamando por sua avó. Por fim, foi necessário a coordenação da escola tirá-lo da sala e levá-lo para a funcionária. Léo nunca mais voltou à minha sala. Fui para casa neste dia me sentindo a pior das profissionais. Como uma criança de três anos excluiu uma outra por causa de sua cor? E o pior, eu como professora não consegui contornar.

Assim, de fato, meu trabalho teve início. Me vi por várias vezes fazendo os questionamentos e pensando no meu objeto de estudo. Como se daria o meu trabalho se na primeira situação conflitante e constrangedora não consegui contorná-la? Trabalhar com identidade talvez não seja tão simples como eu pensara no início. Elaborei em minha mente vários contos, atividades, brincadeiras onde talvez não esperava e muito menos previ situações como essa. Jamais imaginaria que pudesse ocorrer algo do tipo. Isso me trouxe um sentimento de total despreparo para a prática crua e nua. Precisei reelaborar tudo e principalmente, reconhecer que algo poderia não sair como o planejado. Assim é que nós, profissionais da educação devemos planejar. Não temos controle de situação nenhuma, nosso “objeto” de trabalho é o humano. O humano que pensa, que tem suas convicções, tem sua cultura. E devemos considerar tudo isso.

Não existe uma sociedade sem criança. Isso é fato. E trabalhar com criança tem suas vantagens e desvantagens. Uma vantagem é saber que você vai lidar com a sinceridade e franqueza no dia a dia.

Quando planejei minhas atividades, pensei somente em livros e brincadeiras que trabalhavam a identidade e a representatividade, jamais pensei em trabalhar com o próprio preconceito. Pois bem, tive que mudar um pouco a estratégia. Reavaliando tudo que vivi com aquela criança que nunca mais cruzou meu caminho, mas que me marcou profundamente, recorri a uma história infantil que trabalha o tema preconceito com todas as suas peculiaridades, de uma forma lúdica. Assim, optei por trocar o livro *O Menino Nito* por *Pretinho, meu boneco querido*. Talvez assim, de uma forma lúdica, trabalhar o tema preconceito não seria tão difícil.

O livro *O Menino Nito* aborda a ideia de que homem não chora, além de trabalhar a identidade de um menino negro, daí a minha primeira escolha, pois além de trabalhar a identidade e a representatividade do negro, o livro também abordava a questão e a valorização dos sentimentos. Já o livro *Pretinho meu boneco querido*, aborda com eficácia a identidade da cultura africana, a representatividade do negro, a valorização de um povo, além de questões como a amizade, cuidado e principalmente os conceitos de exclusão, inclusão, racismo e preconceito. Concluí que era tudo que eu precisava naquele momento para o trabalho em minha sala de aula.

No decorrer do meu plano de ação a cada semana fui contando uma história e ensinando uma brincadeira. Assim se deu minha prática pedagógica. A cada personagem trabalhada era uma discussão diferente que acontecia naquele ambiente que chamamos de sala de aula e que muitas pessoas não têm noção do que, de fato, é. Somente quem está dentro dela sabe realmente o que acontece lá.

Logo após a abordagem do livro *Tudo bem ser diferente*, quando conversamos sobre as diferenças, me senti à vontade em contar as histórias escolhidas. A história *Afra e os Três Lobos Guarás*, faz alusão ao clássico *Cachinhos Dourados*, trazendo elementos bem próprios da nossa região e de nossa realidade. Em linhas gerais, o livro conta a história de uma menina que faz um passeio na mata e encontra uma casinha de família de lobos guarás e foi logo entrando. Lá no interior da casa, Afra encontrou três cadeiras, três pratos de sopa, e assim ela vai experimentando cada objeto. Tudo era três naquela casinha e ela acabou adormecendo na caminha do lobinho. Quando Afra acordou, os três lobos guarás estavam ao seu redor, ela levou um baita susto e pediu desculpas por toda a bagunça que fez. Saiu de lá prometendo que seu papai iria consertar todo o estrago. Tudo acontece no parque do Caraça. Uma história envolvente com trocas de gentilezas que nos faz pensar no cuidado com tudo que está a nossa volta.

Nesse dia, fui contando a história em roda e mostrando a cada página as imagens do livro, trabalhando as características de cada personagem. Em certa

altura da história, Rafael me abordou dizendo que não gostou da Afra. Alguns instantes depois tive o lampejo de indagá-lo sobre o porquê de ele não ter gostado da personagem Afra. Afinal, comentei exaltando os predicados que a personagem trazia na sua essência, ela é uma menina muito legal que ajuda as pessoas. Sugeri ainda que ele não teria motivo algum para não gostar dela. Coloquei a questão em debate na roda com todas as crianças que se encontravam presentes. Lívia disse que a Afra é alta e muito bonita, Pedro Henrique disse que ela é “pretinha” e muito legal, até que Rafael abriu o jogo com toda sua franqueza e disse claramente que não gostou da Afra por que ela é “preta” e completou o Richard e o Enzo que são iguais a ela, pois eles são “pretinhos” e eu sou amarelo. Assim definiu, completando com a frase: Eu não gosto de pessoas ‘pretas’ porque as pessoas ‘pretas’ roubam! No primeiro momento fiquei estarrecida com essa declaração. Uma declaração de um preconceito tão cruel vindo de uma criança de apenas três anos de idade, que mora em um local onde a grande maioria da população é negra.

Com todos os desafios que foram aparecendo no desenrolar da minha pesquisa, pude perceber o quanto o preconceito faz parte de nossa sociedade. Estamos enraizados em uma sociedade completamente preconceituosa e com pensamento eurocêntrico. Não valorizamos o que temos de melhor e muitas vezes o que temos como nosso é o que vem dos nossos colonizadores. Ainda assim, temos muito o que aprender, pois, ainda somos subalternizados mesmo já sendo libertos.

Ao mesmo tempo que tenho um aluno que tem em si os preconceitos tão consolidados, também no decorrer da história tive alunas e alunos que enalteceram as personagens. Conforme a história foi se desenrolando, os debates foram acontecendo e envolvendo mais as crianças.

Diante de tantas opiniões acerca das características das personagens, no outro dia li a história *A cor de Coraline*, que trabalha as diferenças de cores. Começa pelo grande questionamento sobre o lápis cor de pele. A história narra um questionamento entre dois amigos, Pedrinho e Coraline. Pedrinho pede emprestado para Coraline o lápis cor de pele. De qual pele será que o amigo estava falando? Esse é o grande questionamento. A história é bem divertida pois

a personagem vai dando opções de cores de acordo com o lugar ou estado emocional em que a pessoa pode se encontrar. Foi divertido pois de uma forma descontraída as crianças puderam perceber que não existe um lápis cor de pele. Logo, propus uma atividade diante do espelho. Cada criança ia diante do espelho para se observar e ver as suas características. Trabalhando os fenótipos procurei favorecer que elas se vissem representadas em cada história trabalhada. As reações diante do espelho foram as mais variadas possíveis. Teve criança que se admirou e disse que viu uma linda princesa, teve criança que achou seu cabelo lindo como de um príncipe, teve criança que não gostou de se ver por que se viu “preto” e não gostava de ser “preto”. Questionei todas as crianças diante do espelho, mas essa criança que se viu como negro quando questionei o porquê de ele não ter gostado do que viu, ele me respondeu com uma voz que quase não se ouvia: Eu não gosto de ser preto!



Figura 1- Atividade no espelho

A experiência com o espelho foi de suma importância em todo o processo, pois diante do espelho eles puderam se ver, se reconhecerem e auto denominarem. Muitas crianças se denominaram como brancas, negras, amarelas e até mesmo azuis. Com isso, parti para o desenho e o esquema corporal produzidos com elas. A atividade se iniciou com a apresentação da figuração humana. Mostrei para as crianças os bonecos recortados em papel sulfite no tamanho aproximado de 20 cm, somente o contorno da figuração humana, pois o objetivo era que as crianças dessem cor aos bonecos e completassem com olhos, nariz, boca e cabelos, com isso questionei-os sobre o que estava faltando nos bonecos. Muitas crianças disseram que faltavam os olhos, a boca, cabelos, nariz, roupas e foram elencando características e objetos que compõe o nosso corpo. Nenhuma criança se atentou para o fato de que o boneco não tinha

“cor”. Parece que por mais que trabalhemos a figuração humana e a evolução dos desenhos com as nossas crianças, elas aprendem tudo, como fazer a cabeça, as pernas, os braços, que temos dois olhos, uma boca um nariz, que em cima da cabeça tem os cabelos, mas o tom de pele muitas vezes não é lembrado. Por isso, temos desenhos de crianças com azul, amarela, rosa, verde, etc. Então, sugeri que faltava ao boneco a cor, a cor da pele e apresentei a caixa de giz de cera com tons de cores de pele. Coloquei à disposição em cada mesinha caixas de giz de cera com cores de pele. Cada caixa continha doze tons de pele que iam do mais claro até o mais retinto e assim, cada uma escolhia e colocava o giz próximo à sua pele para identificar a sua cor. Essa foi a primeira regra da atividade, escolher e identificar o seu tom de pele.

Para algumas crianças isso foi fácil e bem tranquilo, para outras não foi tão fácil assim. Por várias vezes a dúvida as levou a utilizarem cores diferentes. Iam testando o giz, colocando-o próximo à sua pele e pintavam o boneco, na hora que pintavam o boneco não concordavam com a cor e experimentavam uma nova cor. Então teve criança que ora utilizou o mais claro, ora utilizou o mais escuro.

O Rafael em sua atividade não aproximou o giz de sua pele para experimentar qual tom seria mais adequado para representar a sua cor. Ele foi direto no tom mais claro e como fiz com todas as crianças sugeri que ele aproximasse o giz de cera à sua pele para fazer a comparação de tom. Ele, por sua vez, foi muito incisivo e não quis experimentar, declarando que o tom mais claro era o que se aproximava do tom de sua pele. Depois que deu a cor ao seu boneco, ele me questionou: Professora, fiquei bonito?

Concordei e elogiei o seu colorido. Enfatizando o quanto ele é lindo.



Figura 2 Reconhecimento de tons de pele.



Figura 3 Confeção da figuração humana.

Retomei o assunto em rodinha e conversamos sobre os bonecos de cada um. Questionei se todos estavam iguais, qual era a diferença que tinha entre os bonecos, já que não tinham olhos, nariz, bocas, cabelos etc. Os bonecos não tinham nada, mas já estavam diferentes! A cor da pele nos diferencia. Parabenizei-os pelos lindos bonecos. Todos ficaram maravilhosos. Recolhi e guardei prometendo que a atividade continuaria em outro dia.

Na segunda semana o livro trabalhado foi *Joãozinho e Maria* que também vem narrar o conto clássico *João e Maria* trazendo elementos da cultura afro-brasileira. Também, nesse caso, trabalhei as personagens e seus fenótipos e mais uma vez fiz o debate em roda com as crianças discutindo sobre nossas características e diferenças.

Dando continuidade ao trabalho, na terceira semana contei a história *Rapunzel*

e *Quibungo* que fala sobre Rapunzel, linda menina negra, nascida na Bahia e que veio ao mundo com longos cabelos que não paravam de crescer. É uma história cheia de elementos próprios de nossa cultura e recheados de elementos africanos. Cada menina se viu representada nessa história por intermédio das tranças de Rapunzel.

Muitas alunas costumam vir para a escola com os cabelos trançados. A partir do dia que contei essa história, um fenômeno muito interessante começou a acontecer, as meninas, principalmente, começaram a brincar, cada dia mais com os seus cabelos. O que acontecia antes em brincadeiras de faz de conta, é que comumente elas queriam pentear somente os meus cabelos. Agora faziam questão de brincar entre si e cada uma cuidar do cabelo da outra. Isso foi um grande ganho!

Na quarta semana a história trabalhada foi *Cinderela e Chico Rei*. Novamente em rodinha com as crianças comecei dizendo que iria contar a história da Cinderela, mas, era outra Cinderela. Disse que aquela história que sempre tínhamos escutado, aquela da Disney, era a Cinderela americana que naquele dia eles iam conhecer a nossa Cinderela. Logo mostrei a capa com a imagem da *Cinderela e o Chico Rei*. Pedi que fizessem a leitura das imagens na capa do livro. Muitas crianças falaram que tinha uma menina e um menino negros. Pedi que fizessem o exercício de comparar com a Cinderela que eles conheciam.

Uma aluna questionou: Mas a Cinderela não é negra?

Outra disse: suas roupas são bem diferentes! Ela não está vestida de princesa! Diante de alguns posicionamentos, falei que aquela era a nossa Cinderela. A Cinderela era aquela menina que eu estava apresentando para eles e que a partir daquele momento eles conheceriam.

Contei toda a história enfatizando e exaltando as suas características e seu contexto. Depois que terminei a história da Cinderela e Chico Rei muitos ficaram maravilhados e admirados. Em rodinha fomos discutir a história trabalhada.

Rafael, tomou a palavra e disse que não gostou daquela Cinderela. Que ele

gostava é da Cinderela da Disney. Mais uma vez questionei-o sobre o porquê de ele não ter gostado, já que a história é a mesma. Mais uma vez ele disse incisivo que não gostou daquela Cinderela, pois ela era negra. E que ele gostava mesmo era da outra Cinderela pois, ela sim era bonita, branca e tinha vestido de princesa.

Na quinta semana trabalhamos *O Casamento da Princesa* que é uma história repleta de simbologia e significados. Abena é uma princesa africana disputada por seus pretendentes - o Fogo e a Chuva. Ambos terão de passar por uma prova de resistência para conseguir a mão da filha do Rei. Aborda com muita sutileza as vestes africanas, os adereços, o colorido e o fenótipo da mulher negra. Ao contar a história, as crianças foram se envolvendo e achando tudo muito interessante porque ela aborda os fenômenos da chuva e do fogo como pretendentes da princesa. Eles ficaram encantados. Mas, como sempre, fizemos a roda para o debate e o Rafael, mais uma vez, disse que não gostou dessa princesa pois ela era muito feia. Como sempre ele fez suas colocações e ponderou que nunca se casaria com a princesa, pois ela era negra. Mais uma vez me vi sem saber o que fazer diante de tantas colocações de uma criança que, desde o início do trabalho, tinha se posicionado de forma bem clara quanto à sua opinião sobre o fenótipo do negro.

Como as histórias que trabalhei até então não estavam surtindo o efeito esperado, decidi acrescentar o livro *Pretinho, meu boneco querido* procurando abordar com mais clareza o tema “preconceito”.

Na rodinha, iniciei a nossa aula contando que naquele dia eu tinha trazido um livro muito legal e que contava um pouco da nossa história. Todas as crianças ficaram bastante curiosas para saber de qual livro se tratava. O tempo todo me questionavam se era do nascimento de cada um, se abordava a história deles, quem tinha escrito aquele livro e como a pessoa que escreveu sabia da “nossa história” e aos poucos fui desvendando o mistério de que não se tratava da nossa história pessoal, mas sim da nossa história como comunidade, de nossa história como povo.



Figura 4 Contação da história Pretinho, meu boneco querido.

O livro aborda toda a construção da nossa história, nós afrodescendentes, e mostrando o muito da cultura africana que temos em cada um de nós, cidadãos brasileiros. Não há como negar a nossa matriz. O livro também aborda o preconceito com o fenótipo do negro. Isso me ajudou a quebrar um pouco as barreiras que fomos construindo historicamente e que vamos perpetuando com as nossas atitudes muitas vezes impensadas.

O livro narra uma história de amor, ciúmes e preconceito, onde as personagens vão se entrelaçando num enredo envolvente e encantador. É uma história mais extensa e como a minha turma é de 3 anos eles ainda não dão conta de focar por mais de 15 a 20 minutos como fizemos nas demais histórias contadas. Sempre contei as histórias e fiz o debate na roda imediatamente depois. Entretanto, com o Livro *Pretinho, meu boneco querido* foi diferente! Precisei fracionar a história, devido à sua narrativa ser mais extensa. Então trabalhei durante a semana toda com esse livro e cada dia contava um pedaço da história. Tive o cuidado de parar a cada dia em parte da história em que as crianças desejassem ouvir o que estava por vir. Assim, fui criando um desejo neles de saber o que ia acontecer com o Pretinho e a expectativa de chegar logo o dia seguinte para dar continuidade na história lida. Por muitos momentos do dia os alunos me abordavam indagando o que iria acontecer com o Pretinho ou até mesmo me pedindo para retomar a história, pois queriam saber o que ia acontecer.

Uma ocasião, ainda quando estudava no ensino fundamental, tive um professor de literatura que utilizou desta mesma estratégia. Recordo-me bem que, na grade curricular, essa aula constava somente uma vez por semana e nós desejávamos que a próxima aula chegasse logo para dar continuidade à história. Era um momento único, um momento mágico. Um dia questionei-o por que fazia aquilo conosco. Na minha cabeça era uma maldade tamanha ele não contar a história completa e o pior era que ficava somente para a outra semana, já que ele só tinha uma aula com a turma. O professor, com sua maestria, me respondeu da forma mais doce e encantadora e posso dizer que suas palavras ecoam até hoje em minha cabeça: nós só desenvolvemos nossas habilidades a partir daquilo que desejamos. E foi assim que ele despertou em mim o prazer pela leitura. Eu esperava e, acima de tudo, desejava por sua aula. Por isso, a importância da presença da leitura em nossas salas de aula. Não dá para cobrar que nossos alunos sejam leitores se nós professores não damos o exemplo.

Mas, voltando à história do Pretinho, assim fui fazendo com que meus alunos desejassem estar no outro dia em sala, para desvendar o segredo da leitura e não somente isso, meu grande desejo era poder tocar um pouco nos sentimentos mais profundos das crianças e desconstruir o que por muitos anos a nossa sociedade foi inculcando de uma forma muito silenciosa e as vezes descarada, o preconceito ao negro.

A história narra o quarto de uma menina negra que guarda um grande segredo. Quem vê os seus lindos bonecos não imagina que eles têm o poder de falar. A menina ao ganhar Pretinho, um boneco negro como ela, vê as coisas começarem a mudar em seu quarto. Ela tinha um carinho enorme pelo Pretinho e os demais bonecos começam a ter ciúmes e alimentar o preconceito dentro de si. Na ausência da menina, os bonecos antigos maltratam o novo integrante. Até que toda a trama vai desenrolando e algo de muito grave acontece. Entretanto, o que era para ser trágico tem um surpreendente final. Aprendemos muito com essa linda história, aprendemos a importância da cultura africana para o nosso país e aprendemos também o quanto a discriminação racial não tem sentido nenhum e é absurda. Enriquecemos ainda mais esse trabalho com o CD que

acompanha o livro, pois nele há músicas bem variadas que tratam da cultura africana e valorizam, ainda mais, a contribuição do negro na nossa história. As histórias do povo africano e do povo brasileiro estão entrelaçadas.

Comecei então a história do *Pretinho, meu boneco querido*. Em um dado momento, Bryan associa a história com a “Pretinha” que morava na casa da sua “vovó Moça”. Ele falou: Professora, igual a Pretinha lá na casa da minha vovó Moça. Eu questionei quem era pretinha e ele voltou a afirmar: Pretinha lá da casa da vovó Moça! Então continuo tentando desvendar quem é a Pretinha. Continuo a conversa com ele e pergunto como é a Pretinha e ele finaliza com a resposta mais singela: Pretinha, uai!

Rafael solta uma fala bem tímida, mas carregada ainda de preconceito: Coitada!

Eu mais uma vez o questiono e Rafael se esquivava de responder. Logo após a mediação, parei de contar a história e expliquei que terminaria em outro dia. Todos queriam saber o final. Estrategicamente, apresentei a música que a personagem canta para o boneco. Foi uma festa! Todos dançaram enquanto a música tocava no som da sala.

A cada dia de contação de história, as crianças ficavam enlouquecidas e dramatizavam o tempo todo cada personagem trabalhado.

Assim, fui contando a cada dia um pedaço da história, com um enredo envolvente, mostrando e apresentando cada personagem de forma peculiar e apresentando as músicas. O momento da audição das músicas era um sucesso, porque para além da escuta atenta das histórias, as crianças podiam expressar também, por intermédio do corpo, as danças e músicas apresentadas no livro.

Havia sempre uma disputa para ser a personagem principal, todos queriam ser o “Pretinho”, inclusive o Rafael que a cada história lida era sempre quem se

opunha a imagem do corpo negro.

Neste exato momento, fiquei a me questionar sobre a mudança de postura do meu aluno Rafael. O que o fez mudar de conduta em relação à imagem do negro? Em minhas idas e vindas de avaliação do trabalho, não pude deixar de pensar que ele podia não ter mudado. Mas naquele momento, naquele contexto, era viável ser negro. Penso que o Rafael mesmo que ainda tendo seus preconceitos e suas convicções, viu que ser negro poderia lhe trazer vantagens. Em todas as dramatizações ele queria ser o que estava em destaque. O que estava em destaque naquele dado momento era um personagem que era negro.

Em roda decidimos fazer um teatro da história do livro *Pretinho, meu boneco querido* e comentei que poderíamos fazer um reconto da história, um reconto coletivo. Retomamos toda a história contada e eu me coloquei como escriba da turma. Enquanto iam narrando os fatos acontecidos eu escrevia no quadro tudo que falavam. A partir daí, montamos o nosso teatro e foi aquela alegria. Todos os meninos queriam ser o Pretinho, tentei negociar, fazer um sorteio, mas sabia que qualquer decisão iria decepcionar profundamente aqueles que não foram contemplados. Sem contar que fui embora para casa com uma dúvida que martelava o tempo todo na minha cabeça: o que fez o Rafael mudar de ideia e ter o interesse em ser o “Pretinho”? Às vezes me questionava se Rafael se interessou em ser o personagem principal simplesmente porque viu que naquele momento era bom ser negro ou porque ele estaria em evidência? Pensei por muitos dias como resolveria essa situação e não consegui chegar a uma conclusão efetiva. Foi quando trouxe essa dificuldade para meu grupo do curso de especialização e os colegas me ajudaram a solucionar a dificuldade sugerindo que todos os meninos fossem o “Pretinho”. Assim, contemplaria a todos os meninos e não colocaria somente o Rafael em evidência, mas todos ficariam em destaque. Neste dia, saí da aula muito feliz, pois percebi que além de estar desenvolvendo um bom trabalho, aprendi que diante de dificuldades não podemos nos fechar. Eu estava com essa dificuldade há dias, sofrendo, achando que meu trabalho tinha dado errado e com uma discussão aberta com as colegas, meu horizonte se abriu.

Essa situação me levou a novamente refletir sobre as inúmeras possibilidades que se apresentam no cotidiano escolar para discutirmos as questões étnico-raciais e como, muitas vezes, nós professores, não abordamos o tema em sala de aula por comodismo ou até mesmo por medo de sairmos da zona de conforto. Precisamos entrar em embate com as nossas dificuldades, pois somente assim horizontes serão abertos e conhecimentos serão ressignificados e ou adquiridos.

Depois disso, voltei na segunda feira para a sala de aula e falei com a turma que já tinha uma solução para a nossa dificuldade, que eu já sabia quem seria o *Pretinho, meu boneco querido* e falei que todos os meninos poderiam ser o “Pretinho”!

Quanto as brincadeiras pude perceber que a criança necessita expressar por intermédio do corpo. É fundamental deixá-las sentirem e dar sentido há tudo que faz parte de seu mundo. Com as brincadeiras as crianças puderam viver e experimentar um pouco da cultura africana. Cada semana apresentava uma brincadeira nova. No início foi um pouco difícil, pois brincadeiras direcionadas requerem regras, com isso as crianças demoraram um pouco para entenderem e se apropriarem das regras e do mecanismo de cada brincadeira. O objetivo principal das brincadeiras consistia em as crianças terem acesso à cultura africana. Sempre explicava para elas como se daria a brincadeira e qual era a origem. Na brincadeira “Acompanhe meus pés” foi muito divertido, pois para além de abordar o objetivo principal, é uma brincadeira que requer muita atenção e concentração. Foi a brincadeira mais difícil para as crianças se apropriarem das regras. As demais foram mais tranquilas, devido as crianças já estarem imersas no clima da brincadeira africana.

As crianças se mostraram sempre abertas ao novo, e cada semana ficavam curiosas para saber qual seria a nova brincadeira.

As brincadeiras contribuíram muito para todo o processo de desenvolvimento

do trabalho pois, experimentaram novas brincadeiras e para além disso elas foram imersas na cultura tão presente e que muitas vezes nem sabemos que fazem parte da nossa história.



Figura 5 Brincadeira africana Mamba



Figura 6 Brincadeira africana saltando o feijão

Para além de ministrar aulas, necessitamos exercer uma prática educacional que atenda às necessidades da pessoa em desenvolvimento, integrando corpo, inteligência e emoção, sugerindo ainda uma prática pedagógica comprometida com a cidadania.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho não tive a pretensão de resolver o problema do racismo dentro da escola. Mas sei que com pequenos gestos e atitudes podemos contribuir para que, aos poucos, nossas crianças reflitam e repensem sobre as questões étnico-raciais e, talvez, para que, gerações futuras não perpetuem pensamentos colonizadores.

A identidade racial deve ser entendida e defendida por nós educadores, pois é nosso dever tratar deste assunto não como uma temática esporádica e sim, como um tema transversal que deve ser abordado durante toda a nossa prática pedagógica e para além de nossa prática, devemos vivenciá-la.

Descolonizar os currículos é mais um desafio para a educação escolar. Muito já denunciemos sobre a rigidez das grades curriculares, o empobrecimento do caráter conteudista dos currículos, a necessidade de diálogo entre escola, currículo e realidade social, a necessidade de formar professores e professoras reflexivos e sobre as culturas negadas e silenciadas nos currículos. (GOMES, 2012, p.102)

Minha ação se deu na prática de contar histórias em roda, depois possibilitar a roda de conversa e sempre tínhamos momentos de brincadeiras. Cada roda de conversa era uma caixinha de surpresas. Um misto de emoções, muitas vezes felizes, outras vezes frustrantes. A gente nunca acha que vai ouvir de uma criança de três anos que não gostou da personagem, pois ela era negra e que as pessoas negras roubam. É triste, mas foi com essa realidade que me deparei. A maioria das minhas crianças são negras, mas não se veem negras e o pior, têm uma imagem deturpada do que é ser negro. Vivemos em uma sociedade que foi gerada dentro da violência da escravização, da subalternização do humano, mas não é qualquer humano, é o humano negro que foi subalternizado. Consequências que colhemos até hoje em nossa sociedade. Marcas profundas que insistimos em não enxergar, mas não temos como tapar o sol com a peneira. O estrago que uma educação racista provoca na criança é enorme. As consequências não saem da cabeça de quem sofreu algum tipo de preconceito. Muitos rituais pedagógicos fortalecem esse pensamento colonizador que nos é imposta diariamente. Precisamos (re) pensar a forma que fazemos a educação. Se todo o modelo de escola traz da história dos negros o que é ne-

gativo, como é que vamos construir uma identidade positiva em nossas crianças? Prestemos atenção em nosso fazer pedagógico, pois na maioria das vezes estamos fortalecendo padrões tão consolidados de uma sociedade subalternizada e nem enxergamos isso. Precisamos fazer valer a Lei 10.639/2003 e trabalhar a identidade de nosso povo. São situações aparentemente sutis, mas extremamente eficazes para deformar e desumanizar a vida.

Ainda hoje, vivemos inseridos em meio a uma cultura carregada de preconceitos. Essa é a nossa identidade coletiva. E a construção dessa identidade se deu com muita luta e muito sofrimento. Não podemos deixar que o pensamento colonizador se faça valer em nosso cotidiano de uma forma tão sutil e muitas vezes considerada até normal. É dever de todo cidadão lutar pela memória de seu povo. Povo esse, aguerrido e forte, que nos faz todos os dias levantar e enfrentar todos os desafios que nos são apresentados diariamente.

Portanto, nossas crianças tiveram a oportunidade de ver e sentir experiências que muitas vezes lhe são negadas. Esses são problemas com os quais nos deparamos, nos fazem pensar de forma interseccional. Não estamos prontos, em nenhum aspecto, mas devemos estar abertos às mudanças. Mudanças essas que devem partir de nós mesmos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: <<http://download.basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 28 de fev. de 2019.
- BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2009. p.12.
- BRASIL. **História da Cultura Africana e Afro-brasileira na educação infantil**. Brasília, DF: MEC, 2014.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”**. Brasília, DF, 9 de jan. de 2003.
- BRASIL. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF, 20 de dez. de 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 1 e 2.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.
- BRASIL. **Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília : MEC/ SECADI, 2013. 104 p.
- BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.
- CARDOSO, Marcos Antônio. **Movimento Negro**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2002. 240 p.
- COELHO, Ronaldo Simões. **Afra e os três lobos guarás**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013. 16 p.
- COELHO, Ronaldo Simões. **Cinderela e Chico Rei**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015. 24p.
- COELHO, Ronaldo Simões. **Joãozinho e Maria**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013. 16p.
- COELHO, Ronaldo Simões. **Rapunzel e o Quibungo**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. 16 p.

ESCOLA Educação. **Brincadeira africanas**: dia da consciência negra. Disponível em: < <https://escolaeducacao.com.br/brincadeiras-africanas/>>. Acesso em: 28 de mar. de 2019.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

FURTADO, Maria Cristina. **Pretinho, meu boneco querido**. 2. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2008.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis, RJ ; Vozes, 1995.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, p.98-109, Jan/Abr2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 7-46.

MELO, Ana Cláudia Figueiredo Brasil Silva. **Proposições Curriculares para a Educação Infantil**: fundamentos. Belo Horizonte: SMED, 2015. 189 p. (Desafios da formação; 1).

MELO, Ana Cláudia Figueiredo Brasil Silva. **Proposições Curriculares para a Educação Infantil**: eixos estruturadores. Belo Horizonte: SMED, 2015. 190 p. (Desafios da formação; 2).

MINAS GERAIS. Lei nº 11.132, de 18 de setembro de 2018. **Estabelece a autonomia das Unidades Municipais de Educação Infantil**. Belo Horizonte, MG, fev, 2019. Disponível em: < <https://leismunicipais.com.br/a/mg/b/belo-horizonte/lei-ordinaria/2018/1113/11132/lei-ordinaria-n-11132-2018-estabelece-a-autonomia-das-unidades-municipais-de-educacao-infantil-umeis-transformando-as-em-escolas-municipais-de-educacao-infantil-emeis-cria-o-cargo-comissionado-de-diretor-de-emei-as-funcoes-publicas-comissionadas-de-vice-diretor-de-emei-e-de-coordenador-pedagogico-geral-o-cargo-comissionado-de-secretario-escolar-os-cargos-publicos-de-bibliotecario-escolar-e-de-assistente-administrativo-educacional-e-da-outras-providencias>>. Acesso em: 28 de fev. 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Crianças como leitoras e autoras**. Brasília : MEC /SEB, 2016. 128 p. (Coleção Leitura e escrita na educação infantil ; v.5).

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Crianças como leitoras e autoras**. Brasília : MEC /SEB, 2016. 128 p.(Coleção Leitura e escrita na educação infantil ; v.6).

PASTORE, José; VALE SILVA, Nelson. **Mobilidade Social no Brasil**. São Paulo, Makron Books, 2000. cap. 4.

SISTO, Celso. **O casamento da princesa**. Belo Horizonte: Editora Prumo, 2009. 31 p.